

IDENTIDADES  
EM CONTEXTO DE MUDANÇA

*IDENTITIES  
IN A CHANGING CONTEXT*



# IDENTIDADE – CONSIDERAÇÕES À PORTA DE CASA

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Almeida, O. T. (2012), Identidade – considerações à porte de casa. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 17-26.

**Sumário:** A questão da identidade não recebe, das ciências sociais, a atenção que devia. Com efeito, a identidade é algo profundamente enraizado nos seres humanos que se revela em diversas facetas das culturas. O facto de ser difícil tratá-la empiricamente não implica que ela não seja real. Todavia o debate sobre ela sofre frequentemente de falta de rigor semântico. Dois exemplos apontados são o da confusão entre essencialismo e marcas identitárias colectivas e ainda a falta de rigor no uso do próprio termo ‘identidade’.

Almeida, O. T. (2012), Identity – thoughts for home consumption. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 21: 17-26.

**Summary:** The issue of identity does not attract the attention it deserves from social scientists. In fact, identity is something ingrained in the life of human beings and it surfaces in many facets of a culture. Being difficult to tackle and measure it empirically does not imply that it is not real. However, the debate on identity often suffers from lack of rigour. Two examples are shown here. One is the confusion between generalizations and essentialism; the other is the polysemic use of the word ‘identity’ itself, which can *per se* derail any conversation on this topic.

Onésimo Teotónio Almeida – Brown University (Providence, Rhode Island, EUA).

**Palavras-chave:** identidade, nacionalismo, patriotismo, cultura, marcas culturais, comportamento colectivo, geografia, essencialismo, determinismo.

**Key-words:** identity, nationalism, patriotism, culture, cultural traits, collective behavior, geography, essentialism, determinism.

Uma introdução teórica a um número especial desta revista sobre a decantada questão da identidade deve ser um texto abstracto e a tender para o filosófico. Este, todavia, pretende colocar-se nos antípodas do género, pelo menos no começo. Os debates sobre a identidade costumam descartar precisamente para o demasiado teórico e, por isso, os cientistas sociais facilmente arrumam a questão com argumentos fundamentados em

citações dos mais abalizados nomes, de Ernest Gellner a Homi Bhaba e Benedict Anderson – com Michel Foucault e Jacques Derrida de permeio, se na conversação entram académicos dos Estudos Culturais. A preocupação com o tema da identidade é apontada como potencialmente perigosa, pelo seu pressuposto contágio com o nacionalismo, parente chegado do patriotismo, a doença infantil do conservadorismo. O marxismo abominava o nacionalismo porque o internacionalismo era, por razões intrínsecas, dogma de fé e ordem de marcha. O nacionalismo soviético só deixava a cauda à mostra quando na cena emergia o latente conflito com o maoísmo, surgindo a China a fazer-lhe frente. E, claro, o nacionalismo soviético ressuscitou em pleno e sem disfarce quando a União Soviética se desmembrou numa miríade de países. Ora tudo isto já está demasiado teórico, contrariando o declarado propósito explicitado no início. Entremos por isso no prometido registo que num primeiro momento se limitará a listar alguns *faits divers* quase ao acaso, embora o seu arquivo tivesse implícita a intenção de figurarem neste texto:

#### História # 1

Um voo entre Lisboa e Boston, resultou em longo e instrutivo diálogo de mais de duas horas. Antigo aluno de

Harvard e agora professor de Sociologia numa universidade da Nova Inglaterra, o meu vizinho de viagem falou da sua incapacidade de compreender o nacionalismo, da sua inveterada hostilidade a ele e da necessidade imperativa de a atitude dos intelectuais, em regra mais abertos ao internacionalismo, ser transmitida às outras camadas da sociedade americana. A conversa enveredou depois por outros campos e, a dada altura, o sociólogo perguntou-me: *Quais são os nomes portugueses que se destacam na história dos Estados Unidos?*

#### História # 2.

De uma universidade portuguesa, escreve-me uma colega anunciando a morte de Antonio Tabucchi:

*Foi o grande divulgador de Fernando Pessoa na Europa (apesar de, antes dele ter havido o Armand Guibert, que tinha sido adido cultural em Lisboa nos anos 50... mas já ninguém se lembra).*

*Vi o Tabucchi, jovem, em 1975, quando entrei para a Faculdade em Clermont-Ferrand, no célebre programa de televisão sobre livros “Apostrophes” do Bernard Pivot, a falar de Pessoa. Fiquei banzada por ouvir um Italiano a falar de um escritor português... era tão improvável como eu chegar a primeira-ministra.*

## História # 3

O *Providence Journal* traz uma curiosa reportagem sobre um conflito entre grupos étnicos que se resume assim: Na Newport Avenue, em East Providence, há duas igrejas católicas em frente uma da outra. A mais antiga é irlandesa. A outra, com mais de cem anos, foi fundada por imigrantes franco-canadianos (*québécois*). Os tempos mudaram, as paróquias hoje têm mais portugueses e hispânicos do que franceses e irlandeses, embora destes restem ainda alguns que, por sinal, não se dão bem com os novos membros. A diocese, com a crise que por aí vai, nomeou um padre para as duas, com a missão de, em poucos anos, decidir de parceria com os paroquianos qual igreja vai ficar e qual vai ser destruída; idem para as escolas, o salão e o mais.

Tem sido uma luta inglória e o padre só ganha inimizades nos dois flancos. Embora cristãos e católicos ambos os grupos, nenhum se imagina desfazendo-se da sua igreja, do seu passado e do passado dos seus familiares, e nas suas declarações à imprensa, não poucos revelam velhos preconceitos herdados de há mais de cem anos, para além de terem sido já trazidos da Europa e acumulados ao longo de séculos. Valeria a pena traduzir a reportagem para ser mais específico, todavia o espaço não o permite.

## História #4

No mesmo dia, *The New York Times* traz esta outra reportagem: Na Escócia, o Parlamento proibiu as canções (quase cânticos) insultuosas que ambos os lados, o protestante e o católico, entoam nos jogos de futebol. A reportagem/artigo mostra bem os rancores, os ódios acumulados ao longo de séculos, que nenhuma legislação vai conseguir ultrapassar. Aqui os EUA, porque as pessoas acabam vivendo muito mais misturadas, é bastante mais fácil ultrapassar-se certas barreiras. No entanto, como demonstra o caso narrado entre as duas igrejas católicas, tudo fica bem próximo das experiências que a vida nos vai proporcionando.

## História # 5

Há bem poucos anos cruzei-me nas Flores com uma figura destacada da hierarquia da diocese de Angra, um terceirense, que me contou o seguinte episódio: indo ele de táxi de Angra para o aeroporto, foi assim advertido pelo taxista: *Eu vou avisar o senhor de uma coisa! O senhor que me amarre bem aquela nossa Sé ao chão, porque aqueles coriscos micalenses são uns enganados. Se não toma cuidado eles, um dia ainda são capazes de a roubar e levar para S. Miguel!*

## História # 6

A senhora que bi-semanalmente vem trabalhar em minha casa é natural de

Rabo de Peixe. Queixou-se-me outro dia de uma Irmandade do Espírito Santo, da qual é membro, composta de gente da sua freguesia natal, agora vila. Toda a vida ela se dedicou à Irmandade, cozinhou malassadas, fez limpeza, assou chouriços e fez sopas em festas para angariação de fundos. Mas agora o presidente está a utilizar as receitas da Irmandade para ajudar gente de outras freguesias, segundo ela preterindo pessoas da terra, que deviam contar-se entre os primeiros contemplados. Ontem, ao ser-lhe pedido apoio na cozinha numa próxima festa, ela desculpou-se com a saúde do marido. Comigo comentou: *Esse Senhor Espírito Santo já não é o mesmo que ajudava primeiro os seus, como antigamente.*

Histórias deste tipo saltam de todos os lados no nosso quotidiano, cobrindo uma infinidade de áreas onde surgem de múltiplas e variadas formas. Não será, todavia, necessário engrossarmos a lista. Bastará reflectirmos atentamente sobre a meia-dúzia acima elencadas.

Na História #1, temos um cientista social internacionalista, todavia isso não significa que, ao saber-me português nos EUA, não tivesse curiosidade sobre quem teriam sido os portugueses que se salientaram na história americana. Quer dizer, para ele, importava identificar o que havia de

particularmente válido, de saliente, de contributo cultural por parte da comunidade luso-americana. Essa preocupação está, aliás, presente por todo o lado em todos os grupos étnicos que compõem o tecido cultural norte-americano, certamente porque continua a ser importante. Os emigrantes que fazem gala dos seus heróis e os usam como factor de afirmação da sua identidade cultural terão nesse sociólogo razões de sobra para se preocuparem com a sua própria lista de notáveis.

Na História #2, estamos em presença do mesmo fenómeno, agora transportado para o nível nacional. Deduz-se que a pessoa em causa (uma professora universitária) não estava habituada a ouvir estrangeiros referirem sequer qualquer figura cultural portuguesa e, porque um famoso escritor italiano o fez relativamente a Fernando Pessoa, isso constituiu para ela motivo de grande orgulho (nacional, entenda-se). Subentende-se também (ou deduz-se) que o famigerado complexo nacional português, que resulta em encanto quando um estrangeiro olha favoravelmente para nós, continua afinal tendo as suas manifestações fortes, apesar do nosso suposto universalismo cultural.

Na História #3, temos um caso de perpetuação das marcas culturais como forjadoras de identidades étni-

cas, com o respectivo prolongamento no tempo de preconceitos que uma sociedade assimilacionista e, de há décadas para cá, multiculturalista, ainda alberga. Os grupos étnicos não se fundem facilmente, mesmo que os una um credo religioso, neste caso o catolicismo. Factores culturais (étnicos) impedem uma plena fusão.

Na História # 4, voltamos à cena internacional. A União Europeia a apelar fortemente para a consciência colectiva europeia tentando pôr entre parênteses o velho tribalismo, e ele a subir à superfície num simples jogo de futebol, neste caso entre duas equipas de campos antagónicos, se bem que ambas cristãs.

Na História #5, entramos especificamente no caso açoriano e confrontamo-nos com um exemplo de bairrismo com que estamos todos familiarizados. Arraigado nas entra-nhas sobretudo dos terceirenses em relação a S. Miguel, é apenas um dos múltiplos existentes nos Açores. Há outros, como entre por exemplo o Corvo e as Flores, mas todos sabemos de outros ainda mais particularizados como seja a rivalidade entre os dois concelhos das Flores – Lajes e Santa Cruz. E isso apenas para ficarmos nessas pequenas e mais remotas ilhas.

Na História #6 entramos num microcosmos que é simultaneamente açoriano e inserido no contexto da emigração. A rivalidade entre freguesias de uma ilha continuada na diáspora. O facto de se tratar de uma organização de natureza religiosa (Espírito Santo), que apela à caridade, não impede a senhora de achar que *charity begins at home*. Antes de se amar os irmãos de fora da terra, há que amar primeiro os da nossa.

Se é verdade que de uma amostra tão aleatória como a que acima se reuniu não se pode extrair grandes ilações, parece todavia legítimo lembrar que o leitor encontrará, no seu rol pessoal de experiências inúmeros outros exemplos semelhantes a esses, variantes e mesmo diferentes, se bem que relacionados, isto é, dentro do mesmo comprimento de onda. O que implica que provavelmente estaremos a lidar com expressões resultantes da actuação de forças biológicas potentes que os agentes culturais não conseguem erradicar. Quer dizer, os cientistas sociais convencidos da capacidade ilimitada da razão na transformação das culturas, poderão não estar prestando atenção devida a elementos que parecem ter origens não meramente culturais, isto é, que não parecem resultar apenas de intervenções históricas sobre o comportamento dos indivíduos. Não significa isto serem essas

forças legitimadas só por terem uma origem natural, ou, biológica, mas porque precisam de ser tidas na devida conta já que não podem simplesmente ser apagadas com uma esponja en-sopada em água e sabão ideológicos. A questão da identidade parece pois ter algo a ver com o eu e o seu grupo (ou os seus grupos), já que um indivíduo geralmente não convive apenas com um. As forças que impulsionam o indivíduo para a colectividade, seja ela local, nacional ou internacional, não conseguem exercer um domínio completo sobre elas, mesmo as que se reclamam e apregoam internacionais. Lá chegará o momento em que o factor identitário, pelo menos aquele ou aqueles que contam para esse indivíduo, emergirão à superfície. Aqui começam a aflorar os problemas teóricos com o conceito em causa, que tornam um debate sobre este tema uma conversa de surdos, pois permite que nos percamos em labirintos semânticos nos quais não há fio de Ariadne que nos guie. Deter-nos-emos apenas em dois exemplos.

Num recente volume colectivo intitulado *Representações da Portugalidade*<sup>1</sup>, reunindo as comunicações apresentadas num colóquio sobre o

tema na Universidade da Beira Interior no qual participaram cientistas sociais, historiadores e escritores, encontramos expressões como “essencialismo identitário” (p. 184), usadas em contextos que deixam clara a acepção negativa em que é usado o termo identidade. Os cientistas sociais desdenham-no e, para dele se libertarem mais facilmente, associam-no sistematicamente às ideias de essência e essencialismo.

Infelizmente, o rigor da linguagem, que deveria ser *de rigueur* na escrita de cientistas sociais, nem sempre recebe a mesma atenção que as estatísticas. Detenhamo-nos um pouco no hoje tão badalado conceito de essencialismo: será que os cientistas sociais estão mesmo convencidos de que as pessoas que falam de identidade cultural, (o adjectivo “cultural” é preferível a “nacional”), no sentido de marcas ou comportamentos colectivos que caracterizam um povo, crêem que essas marcas são indeléveis, inalteráveis, ônticas? O que estamos é em presença de uma generalização simplificadora que usa a estratégia, como acima ficou sugerido, de extremar uma posição para mais facilmente a derrotar. Ora, para se falar de marcas ou comportamentos identitários essencialistas seria necessário estar-se em presença de um determinismo (genético?) que tornaria imutável o comportamento de uma colectividade. Na

---

<sup>1</sup> Organização de André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (Lisboa: Caminho, 2011).



maior parte dos casos, porém, está-se longe de tal absurdo. Quando Nemésio, por exemplo, fala da cultura açoriana afirmando que para ela “a geografia vale tanto como a história”, não está a ser determinista. Isso por duas óbvias razões:

1.<sup>a</sup> – A sua perspectiva dá tanto relevo ao papel da geografia como ao da história. Quer dizer, Nemésio acredita que quem aportou aos Açores com a missão de povoar o arquipélago esteve sujeito tanto aos efeitos da geografia como aos da história, tendo ambos esses factores exercido influência sobre o comportamento colectivo moldado ao longo de 500 anos. Isso significa, repita-se, que Nemésio não era determinista, visto reconhecer que tanto a história (que o mesmo é dizer, os agentes culturais que actuam ao longo dos séculos) como a geografia são capazes de agir sobre (e de alterar) o comportamento de uma colectividade.

2.<sup>o</sup> – Alargando um pouco mais as ilações a extrair dessa afirmação, fica óbvio que Nemésio nem por sombras terá imaginado falar em termos genéticos, algo que no seu tempo estava completamente ausente de qualquer

debate sobre culturas. Em resumo, nem Nemésio nem aqueles que, na sua pegada, falam de cultura açoriana, necessariamente incorreram nessa concepção de essências imutáveis na cultura colectiva açoriana.

‘Essencialismo’ é, pois, um completamente inadequado termo para designar o que fazem alguns autores quando, como Vitorino Nemésio ou Eduardo Lourenço, se empenham em esboçar retratos colectivos de açorianos ou de portugueses. Se esses retratos são defeituosos, não é por serem **essencialistas** mas por serem **generalistas**, o que é algo bem diferenciado e muito menos grave do ponto de vista teórico. Esses retratos primam por se centrarem demasiado em características mais salientes de uma colectividade, sem claramente ressaltarem (se bem que tal esteja supostamente implícito nesses retratos, pelo menos quando quem os esboça são figuras da estirpe de Nemésio e Lourenço) que se trata de generalizações não aplicáveis à totalidade dos membros da colectividade e, em graus diversificados quando aplicáveis<sup>2</sup>. Por outras palavras: nem auto-

<sup>2</sup> Tanto para o caso de Eduardo Lourenço como para o de Vitorino Nemésio, ainda recentemente desenvolvi estas observações de modo bastante mais minucioso em “O labirinto da identidade – ou sobre Eduardo Lourenço e as suas razões”, *Correntes d’Escritas* 11 (Fevereiro 2012),

pp. 60-65; e “Vitorino Nemésio – entre a geografia e a história”, *Relâmpago. Revista de Poesia*, n.º 28 (2011), pp. 138-141. No que diz respeito a Nemésio, eu já apontara algumas generalizações (que nunca apodei de essencialismos) ao seu clássico ensaio sobre “O açoriano e os Açores”, de 1929:

res como Nemésio têm nada a ver com qualquer tipo de determinismo quando esboçam retratos de açorianos, nem Eduardo Lourenço quando fala dos portugueses. Mesmo José Gil não é essencialista. Se no seu famoso *Portugal – O Medo de Existir* – há uma falha (e há algumas) é a de atribuir os “defeitos” dos portugueses ao salazarismo. (Note-se, em contrapartida, que quem assim procede obviamente acredita na mudança, não sendo portanto “essencialista”.) No caso específico da sua análise, os comportamentos colectivos portugueses resultam da intervenção do salazarismo na sua história. Ora isso não pode ser apodado de pensamento essencialista porque o essencialismo não admite alterações ou mudanças provocadas por contingências particulares. Pode ser (e é) um erro histórico, na medida em que muitos dos traços culturais portugueses foram identificados por variados autores muito antes do advento do salazarismo<sup>3</sup>. Pelas mesmas razões, quando autores como Nemésio identificam traços da cultura açoriana que atravessam séculos, não

estão necessariamente a considerá-los inalteráveis (ou parte de uma suposta essência, ou “alma” açoriana). Presumem simplesmente que o isolamento geográfico permitiu que esses traços se perpetuassem por bastante tempo, enquanto em sociedades mais expostas a cruzamentos com outras, e por isso mais dinâmicas, esses e outros traços são mais susceptíveis de transformações. Nemésio, por exemplo, ao chamar a atenção para a força da geografia, está automaticamente a admitir que as culturas não são imutáveis ou inalteráveis porque condicionamentos geográficos podem nelas provocar importantes alterações.

Passemos agora ao segundo dos problemas teóricos que frequentemente minam ou complicam os diálogos ou debates sobre identidade. Tem a ver com a polissemia do próprio termo. Se na literatura a polissemia é uma mais-valia, no discurso científico (ou que se quer objectivo) ela cria complicações na medida em que, ao elaborarmos um argumento, por mais simples que ele seja, se desdobrarmos

---

“Vitorino Nemésio e a Tipologia do Açoriano”, *Arquipélago/Letras*, X (1988), pp. 13-25, integrado no meu livro *Açores, Açorianos, Açorianidade – um espaço cultural* (Ponta Delgada: Signo, 1989), recentemente reeditado em edição alargada (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011).

---

<sup>3</sup> Para uma mais esmiuçada explanação desta crítica veja-se o meu “Identidade cultural: desdobrando polissemias em busca de clareza”, in Hermenegildo Fernandes, I. Castro Henriques, J. Silva Horta e Sérgio Campos Matos, eds., *Nação e Identidades – Portugal, os Portugueses e os Outros* (Lisboa: Caleidoscópio, 2009), pp. 51-63.

em dois o sentido de um termo, o mais certo será o argumento descarrilar em falsa conclusão. A regra elementar do silogismo mais simples é: *os termos são só três – o maior, o médio e o menor*. Um exemplo de “descarrilamento” acontece porque o termo ‘identidade’ é frequentemente usado em dois sentidos: o primeiro refere-se aos comportamentos colectivos de um grupo; o outro, aos ideais ou valores que orientam o futuro desse grupo, colectividade ou cultura. É muitíssimo comum verificar-se o uso duplo do termo sem a menor percepção de que se passa constantemente de um sentido para o outro. Ora o facto de uma sociedade ter tido um determinado comportamento no passado não implica: 1.º que continue a tê-lo no futuro: 2.º que seja obrigada a mantê-lo no futuro. Porque é óbvio que os indivíduos e a sociedade podem mudar e têm o direito de mudar, se assim o quiserem. É óbvio, por outro lado, que a nível individual isso se opera muito mais facilmente, enquanto a nível colectivo o peso do passado actua mais fortemente como factor de inércia. De qualquer modo, acontecimentos diversos podem actuar mais ou menos pesadamente sobre um grupo e alterar-lhes significativamente os traços que tradicionalmente caracterizavam esse grupo. Sirva de exemplo, no caso específico dos Açores, uma sociedade isolada e

quase abandonada à geografia ao longo de séculos, o impacto causado por factores como o 25 de Abril e a entrada para a EU (esses mesmos factores afectaram também Portugal Continental), o advento da televisão (idem, porém mais cedo) e as ligações aéreas frequentes entre todas as ilhas e entre elas e o Continente. Os Açores hoje não são mais os Açores de há meio século. E, no entanto, quem a eles regressa periodicamente consegue identificar marcas que persistem sem grandes alterações, como aliás acontece em quase todas as sociedades. As alterações e as permanências ou constantes resultam tanto de factores externos às sociedades quanto de factores internos – o volitivo, por exemplo, isto é, a capacidade de as sociedades alterarem o seu futuro por opção, por ‘identificação’ com este ou aquele núcleo de valores. E as comunidades têm o direito de fazer essas escolhas e lutar para que elas lhes sejam permitidas, negociando dentro das estruturas democráticas vigentes o ritmo ou a velocidade a que tais transformações ou alterações devem ocorrer. Elas não constituem de modo algum uma traição à identidade. O importante é que sejam resultado de opções livres dos membros dessas sociedades. Acrescente-se que as comunidades podem e devem conscientemente identificar-se com um conjunto de valores que permitem

alterar o comportamento colectivo, se for isso que é desejado. O bom senso, todavia, requer que os advogados da mudança tenham consciência plena dos mecanismos e das estruturas de fundo da sua sociedade, de modo a poderem identificar os meios e métodos necessários para intervir no colectivo conseguindo materializar os (ou pelo menos aproximar-se dos) ideais almejados.

Em conclusão, a identidade de um povo ou de uma comunidade não deve ser o retrato do que ela foi no passado (embora esse passado faça parte dela), mas o resultado do cruzamento do seu percurso histórico com o potencial dos seus membros relativamente ao futuro, em termos do que esses membros desejam para a sociedade em que vivem. As mudanças que ocorrerem numa sociedade irão sempre passando à história como assinatura sua a seu próprio respeito; no entanto nunca poderá, nem deverá, ser uma assinatura de fidelidade intransigente a esse retrato passado. Uma comunidade deve assumir o seu passado, manter uma relação saudável com ele, mas não tem nenhuma obrigação de continuar a reproduzi-lo eternamente. As culturas dinâmicas

envolvem-se e empenham-se na construção do seu futuro, bem como da própria imagem que de si criam ao longo dos tempos. Esse futuro é e deve ser aberto. A única identidade que uma cultura não pode alterar é aquela que já foi construída, isto é, a do seu passado. A sua identidade futura estará em permanente construção.

O debate sobre a identidade não desaparecerá por se tratar de uma questão de fundo do indivíduo consigo mesmo e também da comunidade consigo própria. As pequenas histórias com que abri este texto são uma simples amostra do profundo do enraizamento da problemática da identidade. Esquecê-la, ignorá-la, ou escamoteá-la não poderá impedir que seja ainda debatida embora nomeada de outro modo. Isso pode, aliás, ser benéfico, se significar que se conseguiu criar uma linguagem mais límpida, menos conotada com preconceitos de ordem diversa. Em contrapartida, poderá implicar uma repetição desnecessária de erros cometidos até aqui no debate sobre esta questão da identidade. Porque a negociação em torno da identidade, individual e colectiva, essa não desaparecerá.